

**“Este é o início de como a Cristandade veio para a Islândia”
 (“Nú hefr þat, hversu kristni kom á Ísland”): os ricos proprietários
 rurais e a cristianização da Islândia (sécs. IX-XIII)**

Prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES)
ricardo@ricardocosta.com

e
Renan Marques Birro (UFES)¹
rmarquesb@gmail.com

Resumo

Este trabalho relacionou o *Íslendingabók* (séc. XII) de Ari Þorgilsson *fróði* (1069-1148), a *Hungrvaca* (c. 1200-1206) e a *Kristni saga* (c. 1250-1284) com o contexto político islandês dos séculos X-XIII e informações arqueológicas. Nosso objetivo foi abordar a progressiva concentração de poder nas mãos dos fazendeiros ricos da Islândia durante a Idade Média.

Palavras-chave: Islândia; *Íslendingabók*; Cristianização; Concentração de poder.

Abstract

This work analyses the *Íslendingabók* (XII century) written by Ari Þorgilsson *fróði* (1069-1148), the *Hungrvaca* (c. 1200-1206) and the *Kristni saga* (c. 1250-1284) in relation to the Icelandic 10th-13th centuries' political context and the archaeological records. Our aim was to approach the progressive concentration of power by wealthy Icelandic farmers during the Middle Ages.

Keywords: Iceland; *Íslendingabók*; Christianization; Concentration of power.

Óláfr konungr Tryggvasonr, Ólafssonar, Haraldssonar ins hárfagra, kom kristni í Norveg ok á Ísland. Hann sendi hingat til lands prest þann, er hét Þangbrandr ok hér kenndi mönnum kristni ok skírði þá alla, er við trú tóku. En Hallr á Síðu Þorsteinssonr lét skírast snimhendis ok Hjalti Skeggjasonr ór Þjórsárdali ok Gizurr inn hvíti Teitssonr, Ketilbjarnarsonar frá Mosfelli, ok margir höfðingjar aðrir. En þeir váru þó fleiri, er í gegnu mæltu ok neittu.

O rei Óláfr, filho de Tryggvi, filho de Óláfr, filho de Haraldr inn hárfagri, levou o Cristianismo para a Noruega e a Islândia. Ele enviou um clérigo de nome Þangbrandr para a Islândia, que informou as pessoas quanto ao Cristianismo e batizou todos que aceitassem a fé. Assim, Hallr Þorsteinsson de Síða foi batizado em seguida, assim como Hjalti Skeggjason de Þjórsdallr e Gizurr inn hvíti [o branco], filho de Teitr de Mosfell, filho de Ketilbjörn, e muitos outros líderes. Entretanto, houve vários que falaram contra ela [a fé] e a recusaram² (*Íslendingabók*, 7)

Essa passagem do *Livro dos Islandeses* (*Íslendingabók*, séc. XII)³ mostra o grau de resistência de algumas famílias de grandes fazendeiros na Islândia dos sécs. X-XI. Seu cronista, Ari fróði (1068-1148)⁴ prosseguiu a narrativa: os líderes cristãos batizados foram para a Noruega e prometeram ao rei que converteriam a nação islandesa. Contudo, segundo a reunião de 999 (ou 1000) da assembléia geral islandesa (*Allþingi*⁵), o acirramento de opiniões foi tão grande que cristãos e pagãos declararam que não viveriam juntos sob as mesmas leis (*Íslendingabók*, 7).

Os cristãos negociaram com o “recitador das leis” (*lögsögumaður*⁶) Þorgeirr Þorkelsson (c. 940-?) para que, em seu discurso na *Allþingi*, ele fosse favorável à reconciliação. Ele concordou. Assim, após o seu pronunciamento, os islandeses chegaram a um acordo: a fé cristã seria adotada na ilha, mas com algumas condições especiais, ainda segundo o *Íslendingabók*:

Þá var þat mælt í lögum, at allir menn skyldi kristnir vera ok skírn taka, þeir er áðr váru óskírðir á landi hér. En of barnaútburð skyldu standa in fornu lög ok of hrossakjötsát. Skyldu menn blóta á laun, ef vildu en varða fjörbaugsgarðr, er vátum of kæmi við. En síðar fám vetrum var sú heiðni af numin sem önnur.

Então foi declarada a lei que toda a pessoa deveria ser cristã e aceitar o batismo, inclusive quem não fora batizado nesta terra. Mas, da antiga lei, o abandono de crianças e a ingestão de carne de cavalo deveriam ser mantidos. As pessoas teriam que fazer sacrifícios em segredo caso quisessem evitar o banimento por três anos, o que aconteceria caso fossem descobertas. Alguns anos depois, aquela prática pagã foi abandonada, assim como as demais (*Íslendingabók*, 7).

Apesar da relação íntima entre Ari fróði e a família de Haukdælir (ou Mosfellingar) e a ênfase no papel do rei Óláfr (995-1030)⁷, não se duvida que, em termos gerais, a conversão ocorreu exatamente de acordo com essa narrativa (Karlsson 2000: 36).

A damos crédito a um dos mais importantes cronistas germânicos, Adam de Bremen (c.1050-1085), um dos que narraram a cristianização da Escandinávia em sua obra *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum* (*Feitos dos arcebispos de Hamburg e Bremen*)⁸ a cristianização ocorreu no tempo do arcebispado de Adalberto (1043-72) (*Gesta Hammaburgensis...*, 35). Coincidentemente, a Arqueologia comprova o processo

descrito pelas fontes escritas: a análise dos túmulos islandeses do período demonstra um abandono abrupto do sepultamento nos moldes pagãos (Vésteinsson 2000: 36). O ritual do sepultamento tornara-se costumeiro por volta do ano mil, juntamente com a manutenção da ingestão de carne equina e o abandono dos recém-nascidos indesejados (possivelmente aleijados ou deficientes de um modo geral). Esses fatos nos sugerem que, durante um breve espaço de tempo, a adoção do Cristianismo correu *pari passu* à manutenção de algumas práticas pagãs.

Embora se especule que a população islandesa era só parcialmente cristianizada na transição do século X para o XI, as evidências arqueológicas afirmam o contrário (Vésteinsson 2000: 17-18). A história da conversão da população da Europa do leste e nórdica é a história de um nascente Estado aliado à Igreja contra uma oposição organizada por parte da aristocracia à nova religião (Vésteinsson 2000: 19).

A concentração do poder clerical nas mãos do *goðar*

A forma como o Cristianismo foi difundido na Islândia é bem conhecida. Os clérigos argumentavam que Þórr e Cristo eram irreconciliáveis: não era possível acreditar em ambos. Além disso, segundo eles, Jesus foi um poderoso rei em Roma que havia conquistado todo o mundo conhecido, enquanto Þórr não tinha conseguido nada semelhante; qualquer outra comparação com Jesus poderia ser apenas desfavorável aos deuses nórdicos (Þorláksson 2005: 145).

Os primeiros cristãos na Islândia foram missionários, conforme atesta o *Islendingabók*:

Þessi eru nöfn byskupa þeira, er verit hafa á Íslandi útlendir at sögu Teits: Friðrekr kom í heiðni hér, en þessir váru síðan: Bjarnharðr inn bókvísi fimm ár, Kolr fá ár, Hróðólfir nítján ár, Jóhan inn írski fá ár, Bjarnharðr nítján ár, Heinrekr tvau ár.

Enn kómu hér aðrir fimm, þeir er byskupar kváðust vera: Örnólfir ok Goðiskálkr ok þrír ermskir: Pétrús ok Ábrahám ok Stéphanús.

Esses são os nomes dos bispos estrangeiros que estiveram na Islândia, de acordo com a história de Teitr: Friðrekr veio quando aqui [a Islândia] ainda era pagã, e vieram depois Bjarnharðr inn *bókvísi* [o sábio livro] por cinco anos, Kolr, por poucos anos, Hróðólfir por dezenove anos, Jóhan inn *írski* [o irlandês] por poucos anos, Bjarnharðr por dezenove anos, Heinrekr por dois anos.

Ainda outros cinco vieram aqui, e dizem que eles eram bispos: Örnólfir e Goðiskálkr, e três *ermskir* [armênios ou poloneses]: Pétrús, Ábrahám e Stéphanús (*Islendingabók*, 8).



Figura 1 – O deus Þórr. Trata-se de uma reprodução em madeira de um artefato arqueológico islandês que alude a Þórr. A divindade está sentada em uma singela cadeira e apresenta um capacete cônico sem ornamentos que ultrapassa levemente as orelhas da estátua e cobre sua testa. Os olhos e a expressão do rosto denotam gravidade e circunspeção, como se o deus estivesse irado, ou absorto em sua energia. Longos e bem delineados bigodes voltados para o alto preenchem a maçã do rosto da escultura. De sua barba, Þórr remove um objeto com as mãos (abaixo da divisória da cadeira), que os arqueólogos relacionam ao seu poderoso martelo, Mjöllnir. Além de um cinturão e de um tipo de traje, o deus não apresenta nenhuma outra vestimenta ou adereço. Fonte: Vikingatid och medeltid.

Fonte:
http://www.sfhm.se/templates/pages/ArmeExhibitionPage_248.aspx
Acesso em 05 junho de 2009.

Além do relato de Ari na *Íslendingabók*, o poema em alemão antigo *Merigarto* (lit. *Terra cercada pelas águas* [séc. XI-XII]) também se refere a um missionário, “honorável clérigo” chamado Reginpreht, originário de Utrecht (Gibbs & Johnson 2000: 80). Reginpreht foi para a Islândia e levou consigo um carregamento de grãos, vinho e madeira (*Merigarto*, est. 8-9).



Figura 2 – Poema *Merigarto*. A utilização dos poemas como fontes históricas ao lado das crônicas e escavações arqueológicas é de crucial importância para o estudo da Idade Média. Fonte: Badische Landes Bibliothek. **Fonte:**
<http://www.blb-karlsruhe.de/blb/blbhtml/aktuelles/auswaertige-veranstaltungen-2006.html> Acesso em 05 junho de 2009.

Por sua vez, a *Kristni saga* (c. 1250-1284) também nos oferece algumas informações sobre as primeiras etapas da cristianização da Islândia. Redigida provavelmente pelo cronista cristão Sturla Þórðarson (1214-1284), esta importante saga foi criticada durante muito tempo pela historiografia por apresentar características hagiográficas. No entanto, se comparada a outras fontes históricas – a *Þórvalds þáttur ens víðförla* (*A História de Þórvaldr*, séc. XIII), a *Óláfs saga Tryggvasonar* de Gunnlaugr Leifsson († 1218-1219)⁹, textos que narram algumas etapas da cristianização descritas na *Kristni saga* – paradoxalmente ela apresenta a descrição dos fatos, mesmo dos milagres cristãos, sob uma perspectiva muito mais histórica que aquelas fontes acima citadas.

Isso nos remete às discussões sobre as fontes da *Kristni saga*, que são acaloradas e permeadas por contradições. De forma geral, no entanto, admite-se que foram usadas para a sua redação a *Óláfs saga Tryggvasonar* de Gunnlaugr, o *Íslendingabók*, a *Vatnsdœla saga* (séc. XIII)¹⁰, a *Laxdœla saga* (c. 1241)¹¹, a *Óláfs saga Tryggvasonar* (c. 1230)¹² de Snorri Sturlusson (1178-1241), e talvez a *Eyrbyggja saga* (séc. XIII)¹³. Ao

contrário do que alguns poderiam pensar de um cronista cristão, o autor (ou editor¹⁴) cristão da *Kristni saga* respeitou a ordem cronológica dos acontecimentos, não subordinou a cristianização da Islândia a outros temas, felizmente registrou um período longo (séc. X-XII) e minimizou os aspectos religiosos, ao menos para apresentar os fatos com um grau relativo de confiabilidade (Grønlie 2002: 6-7; Duke 2004: 245-253).

De acordo com essa narrativa, um homem chamado Þórvaldr viajou certa vez para Suðerland (lit. *Terras do sul*, provavelmente uma referência a Frísia). Nessas terras, ele conheceu um bispo chamado Friðrekr e, graças a ele, “aceitou o batismo e a verdadeira fé”. Em seguida, Þórvaldr convidou o clérigo para que o acompanhasse de volta à sua terra e batizasse seus pais e todos aqueles que ouvissem seus conselhos (*Kristne saga*, 1, 1).

Após convencer alguns islandeses a aceitar a nova crença, Þórvaldr se dirigiu para as terras de seu pai, Coðran. Então,

Byscop ok Þórvaldr vóro at Gilj-áo með Coðrane enn fyrsta vetr, með xiii^{da} mann. Þórvaldr bað faoðor sínn skíraz, em hann tók því seinlega. At Gilj-áo stóð steinn sá er þeir frændr hafðu blótað, ok kölluðu þar búa í ár-mann sínn.

Coðran lézt eige mundo fyrre skíraz lata, en hann visse hvárr meirr mætte, byscep eða ár-maðr í steinenom. Efter þat fór byscep til steinsens, ok soeng yfer þar til er steinnenn brast í sundr. Þá þóttiz Coðran skilja at ármaðr var sigraðr. Lét Coðran þá skíraz, ok hiú hans aoll; nema Ormr, sons hans, vilde eige við trú taka; fór hann þa suðr í Borgar-fiaorð ok kauper land at Hvann-eyre.

O bispo e Þórvaldr, além de treze homens, passaram o primeiro inverno com Coðran em Giljá. Þórvaldr pediu a seu pai que aceitasse o batismo, mas este respondeu com relutância. Em Giljá, havia uma rocha na qual ele e os seus se dirigiam para adorar, e eles afirmaram que seu antepassado lá habitava.

Coðran disse que ele não deixaria se batizar enquanto não soubesse quem era o mais poderoso, o bispo ou o ancestral da rocha. Em seguida, o bispo foi até a rocha e cantou sobre ela, até que ela se partiu em pedaços; Coðran refletiu, e pôde perceber que seu ancestral foi derrotado. Assim, ele se deixou batizar, além de toda a sua família, exceto Ormr, seu filho, que não quis receber a fé, e [Ormr], que foi para o sul, para Borgarfjorð, e comprou para si terras em Hvann-eyre (*Kristni saga*, 1, 4).

Nessa passagem, a força do Cristianismo é fortemente demarcada pelo cronista: a rocha explode após o canto do bispo sobre ela. Esse fato nos lembra algumas passagens da expansão do cristianismo na Gália merovíngia. Por exemplo, há várias histórias semelhantes nas conversões feitas pelo monge e bispo Martinho de Tours (316-397) quando da destruição de cultos pagãos na Gália (Freitas 2001: 140-149). O contato entre cristãos e pagãos passou pela mesma sistemática no caso dos nórdicos.

Mas retornemos ao caso da *Kristni saga*. Em sua redação, e especificamente no extrato selecionado acima, Sturla Þórðarson demonstrou uma rara sensibilidade para a composição e a escolha precisa e sintética das palavras: antes da conversão de Coðran, *kölluðu* (“afirmaram”), depois, *þóttiz* (“refletiu”) são expressões que indicam a forte natureza subjetiva da experiência de Coðran: ele, que tinha tanta convicção na força de seu antepassado pagão contra a nova religião que se lhe apresentara, foi levado a

reconsiderar profundamente a sua crença. A cena do bispo cantando sobre a pedra e a posterior explosão dela o impactou de tal maneira que ele imediatamente se converteu, seguido por sua família. A única exceção, o filho Ormr, se afastou sem motivos aparentes. Apesar dessa ressalva, situações como esta deveriam ser comuns no (tenso) cotidiano dos clérigos. Porém, além do fenômeno religioso, esse relato oculta uma interessante e paradoxal circunstância social: com o Cristianismo, os laços familiares antes sólidos estavam sendo postos sob jugo: nem sempre uma determinação feita pelo clã era seguida à risca por todos os seus membros. Todos os homens livres gozavam de uma completa liberdade de movimentos, e a preservação da liberdade pessoal era conservada até mesmo em querelas judiciais (Louth 1979: 164).

A união familiar foi – e ainda é até hoje – de vital importância para os escandinavos. Eles nutrem um forte apego à tradição e a sua origem comum (Christiansen 2006: 38-39; Magnúsdóttir 2008: 40-41). No passado, quando estas alianças se mesclavam à religião, o vínculo se tornava ainda mais forte. Por isso, a resistência nos séculos X-XI foi, em alguns casos, atroz. Porém, as relações familiares foram relativizadas no caso de Coðran: por que Ormr se mudou assim que os seus se converteram?

A tolerância inicial de Coðran quando da visita do bispo e de seu filho (recém-convertido) mostra que os pagãos eram mais indulgentes e receptivos. A dúvida do pai, representante da família e dos costumes, mostra um sensível apego às tradições. O afastamento do filho que não se converteu após a conversão de toda a sua família nos sugere que o Cristianismo trouxe consigo uma coesão social tão forte que, automaticamente, os que não se adaptaram à nova realidade religiosa sentiram-se isolados socialmente e optaram pelo auto-exílio. Pelo menos é o que nos sugere essa fonte. A simples conversão teria fomentado uma aversão profunda entre os fiéis das duas crenças? Parece que sim.

Ademais, as relações sanguíneas não foram fortes o suficiente para oferecer resistência ao novo credo, já que Ormr, um dos filhos de Coðran, se distanciou e, ao que tudo indica, de um modo pacífico.

Como dissemos anteriormente, a *Kristni saga* oferece um relato muito mais crível que uma de suas possíveis fontes, a *Þórvalds þáttur ens víðförla*. Na mesma estória narrada nesse documento, por sua vez, Coðran criticou duramente o espírito familiar após a derrota, pois o considerou “flærdar fullan ok miok v meginn” (“traíçoeiro e muito fraco”). Além disso, ele enalteceu o Deus cristão, “þess guð dóms er miklu er betri ok styrkari en þu” (“a divindade que é muitíssimo melhor e superior a ti”) (*Þórvalds þáttur...*, II).

Porém, nem sempre as reações contrárias ao Cristianismo almejavam a paz. Elas às vezes eram violentas e parecem ter sido regulares (pelo menos na fase inicial de conversão), pois vários ataques foram dirigidos tanto para os missionários quanto os conversos. Essas agressões não ocorriam somente pelo afã religioso pagão, mas também pelo desrespeito dos missionários às leis comunais. Seja como for, a *Kristni saga* nos instrui a respeito de um acontecimento desse gênero naquela época:

Þeir byscop ok Þórvaldr gerðu bú at Lóekja-móte í Viðe-dal, ok bioggo þar iiij vetr. Þeir fóro víða um Ísland at boða trú. Þeir byscop ok Þórvaldr vóro at haut-boðe í Vatzdal at Hauka-gile með Óláfe. þar var þá komenn Þorkell Crafla ok mart annarra manna. þar kómo berserker tveitr, er Haukr hét hvárr-tvegge; Þeir buðu maonnom kúgan, ok gengo granjande ok oðu elda. Þá báoðu menn byscop, at hann skylde fyrer-koma þeim. Efter þat gengo menn at þeim, ok drápo þá; ok vóro þeir fœrðer á fiall upp hiá gileno – því heiter þar Hauka-gil síðan. Efter þat lét

Þórkell Crafla primsignaz; em marger vóro skíðer, þeir er við þenna atburð vóro.

O bispo e Þórvaldr assumiram sua moradia em Lóekja-móte, em Viðedal, e lá habitaram durante quatro invernos. Eles viajaram para todas as partes da Islândia e proclamaram a fé. O bispo e Þórvaldr eram hóspedes na festa de outono de Óláfr, em Haukagile, em Vatzdal.

Naquele tempo, Þórkell Crafla estava lá, além de muitos outros homens. Vieram de acolá dois *berserkir* chamados Haukr. Eles estavam sempre a intimidar as pessoas; começaram a uivar e a dar passadas largas [na direção do bispo e de Þórvaldr], separados por brasas. Logo os homens [da festa] desafiaram o bispo para que os derrotassem [os *berserkir*]. Em consequência disso, o bispo consagrou as brasas antes deles se aproximarem, e então eles se queimaram muito. Em seguida, alguns homens [da festa] os cercaram e os mataram. Seus corpos foram carregados até serem jogados severamente em um córrego, posteriormente chamado de Hauka-gil [o córrego da águia]. Assim, Þórkell Crafla foi testemunha ocular desses acontecimentos, e muitos homens que ouviram isso foram batizados (*Kristni saga*, 2, 1).

Friðrekr foi novamente miraculoso: o fogo protegeu os missionários e castigou os inimigos. Contudo, os *berserkir* não foram derrotados pela ação direta do bispo, mas pelos homens da festa que, prontamente, assassinaram os intrusos. Essa passagem é muito similar à registrada na *Vatnsdæla saga*.

O mesmo relato é apresentado de forma distinta na *Þórvalds þátr*: guerreiros odínicos desafiaram o bispo Friðrekr a atravessar o fogo descalço. Friðrekr apelou para a misericórdia divina, benzeu o fogo e os *berserkir* foram carbonizados ao atravessarem as chamas. A seguir, Friðrekr atravessou o caminho sem sofrer mal algum, pois o fogo se abriu como no episódio do Mar Vermelho (Ex 14, 15-30). Nem mesmo as franjas das suas vestes foram chamuscadas (*Þórvalds þátr...*, III). Um fato muito semelhante ao aqui descrito também foi redigido na *Brennu-Njáls saga* (séc. XIII), porém com outro missionário (*Brennu-Njáls saga*, 103).

A quantidade de testemunhos com variados graus de confiabilidade e de diferentes regiões indica que os *berserkir* fizeram parte do ambiente cultural cristão da Islândia medieval. Isso se comprova tanto pelo fato desse excerto estar incluído em uma saga provavelmente redigida por Sturla Þórðarson já em um ambiente razoavelmente cristianizado, como pelo conteúdo da passagem, que vilaniza e inferioriza os *berserkir* em seu poder sobrenatural. Como demonstramos sucintamente, tanto a *Kristni* quanto a *Vatnsdæla saga* tendem a minimizar os motivos religiosos, enaltecidos na *þátr*. Por essas razões, é provável que a introdução do Cristianismo tenha sido um processo de aculturação que, além de reconstituir os laços familiares sob um novo prisma, minou progressivamente a imagem dos *berserkir*, que, posteriormente, foram transpostos para a literatura (Birro & Fiorio 2008: 47-67).

Apesar de todos esses trechos das narrativas elencadas acima, pouco se sabe sobre a atividade missionária na ilha antes da ordenação do primeiro bispo nascido na Islândia e de sua relação com as lideranças locais (Vésteinsson 2000: 20). A cristianização dos islandeses não proporcionou uma relação direta com a Sé romana, pelo contrário: a Igreja da Islândia se desenvolveu como uma espécie de “igreja nacional” nos moldes germânicos, na qual os magnatas seculares exerciam uma grande autoridade (Karlsson 2000: 39).

Ísleifr Gizurarson (ou Gissurarson, c. 1056-1080), o primeiro bispo nativo, era

filho de um dos *goðar* responsáveis pela adoção da fé cristã. Ele pertencia à família Haukdælir (posteriormente chamada de Haukadalur), que exercia um grande poder na região sudoeste da Islândia. Ísleifr foi enviado pelo pai à Saxônia para ser educado, pois, dentre seus irmãos, era o que apresentava as melhores condições intelectuais para assumir a condição de clérigo. A respeito do clã Haukdælir, a *Hungrvaca* (1200-1206)¹⁵ informa que:

Peirra son vas Ísleifr; honom fylgðe Gizoerr útan, ok selde hann till læringar abbadíse einne í borg Þeirre es Herfunða heiter.

Ísleifr kom svá til Íslannz at hann vas prestur ok vel lærðr. Hann kvángaðesc, ok feck Daollo Þórvallz dóttor or Áse: þau gáoto þríá sono: Gizoerr hét son þeirra es síðan vas byscopt; annarr hét Teitr es bió í Hauka-dale; þriðe hét Þórvaldr, es bió í Hraungerðe, mikell haofðinge. Gizoerr Hvíte lét goera ena fyrsto kirkjo í Scálaholte, ok vas þar grafenn at þeirre kirkjo; en Ísleifr bió í Scálaholte efter faoðor sínn.

Seu filho [de Gizurr] foi Ísleifr. Gizurr o enviou para longe e o encaminhou para se tornar discípulo com uma abadessa de uma cidade chamada Herfurða.

Quando Ísleifr retornou para a Islândia, já era clérigo e muito sábio. Ele se casou e tomou por esposa Dolla, filha de Þórvallðr or Áse. Eles tiveram três filhos. Gizurr era o nome de um deles que, posteriormente, foi bispo; o segundo se chamava Taitr, que residia em Hauka-dale; o terceiro se chamava Þórvallðr, que residia em Hraun-gerðe, um grande líder. Gizurr inn *hvíti* [o Branco] erigiu a primeira igreja em Skálholt, e foi sepultado naquele templo. Porém, Ísleifr residiu em Skálholt após seu pai (*Hungrvaca*, 2, 2).

A escolha da esposa de Ísleifr não foi fruto do acaso: segundo algumas fontes, Dolla era sobrinha de Óláfr, rei e mártir conversor da Noruega (Vésteinsson 2000: 22). Em contrapartida, não sabemos a verdadeira motivação do gesto da família de Ísleifr ao enviá-lo à Saxônia, se movida por uma conversão genuína e pelo desejo de cristianizar a Islândia, por ambições pessoais, ou pelo fato de Ísleifr ser o único habilitado em toda ilha para essa condição (Vésteinsson 2000: 21-23).

A viagem do futuro bispo foi provavelmente organizada e planejada: após passar pela corte do imperador Henrique III (1017-1056)¹⁶, Ísleifr seguiu para Roma e recebeu uma carta do papa Leão IX (1049-1054), que determinava que o arcebispo de Bremen o consagrasse (Gwatkin 1926: 285; *Íslendingabók*, 9).¹⁷ Pela pouca menção aos clérigos missionários e a ênfase na consagração de um bispo nativo, já foi sugerido que ocorreu uma larga influência aristocrático-germânica nesse avanço da Igreja islandesa, enquanto os bispos estrangeiros foram desprezados (Vésteinsson 2000: 24). Porém, o arrojo cristianizador de Ísleifr foi confrontado com os hábitos pagãos que coexistiram durante aquele período de transição religiosa, como nos informa essa passagem da *Hungrvaca*:

Hann hafðe nauð mikla á marga vega í sínom byscops-dóme, fyr sakar ó-hlýðne manna. Má þat af því merkja nockot í hverjom nauðom hann hefer veret fyr sakar ó-trú ok ó-hlýðne, ok ó-siða síinna under-manna, at Log (saogo) maðrenn átte móeðgor tvær.

Ele teve muitos problemas de variadas procedências em seu bispado por causa da desobediência dos homens. Um exemplo do tipo de problemas causados pela falta de fé, pela desobediência e

pela imoralidade entre os seus [foi esse]: o *lögsögmaðr* esposou duas mulheres – uma mãe e sua filha (*Hungrvaca*, 3, 4).

Esta informação da fonte é muito sintomática, pois expressa os problemas enfrentados pelos missionários nesse período de transição do paganismo para o cristianismo na Islândia, e, particularmente, como a fé cristã foi apenas superficialmente adotada por seus líderes, especialmente em questões de natureza sexual.

O filho de Ísleifr, Gizurr (1042-1118), tornou-se bispo da Islândia após a morte de seu pai. Tão logo assumiu a diocese, adotou sua fazenda em Skálholt como sede da Igreja católica islandesa. Durante um bom tempo, os Haukadalur e os Oddaverjar (família vizinha e aliada) se mantiveram no comando da Igreja na Islândia (*Íslendingabók*, 10). A criação de uma diocese em Hólar (1106) não impediu que essas duas famílias mantivessem o controle sobre o catolicismo insular. Somente em 1201 é que os homens de Ásbirningar (linhagem dominante no norte) conseguiram eleger um bispo de sua própria família (Stefánsson 2003: 217). O catolicismo islandês caminhava passo a passo junto ao poder das famílias germânicas locais.

Assim, o cristianismo se expandiu no restante da Islândia com a construção de igrejas pelos líderes e prósperos fazendeiros. Como era costume nas igrejas germânicas, o financiador do templo era obrigado a manter o prédio e providenciar um padre. Ele também administrava seus bens (Stefánsson 2003: 217). No início, era provável que esses financiadores-fazendeiros também exercessem a atividade clerical. Isso se refletiu na (lenta) cristianização dos islandeses: os rituais católicos demoraram cerca de cem anos até serem totalmente incorporados pelo povo. Ademais, até 1200, o conhecimento teológico não foi completamente estabelecido (Þorláksson 2005: 145). Progressivamente, clérigos mais bem educados tomaram conta do ofício eclesiástico, formados principalmente nas dioceses e em escolas nas grandes fazendas como, por exemplo, Haukadalur e Oddi (Stefánsson 2003: 217), embora a influência de suas escolhas continuasse sob o jugo das aristocracias locais.

O dízimo foi introduzido na Islândia entre 1096 e 1097, a primeira igreja a fazê-lo em toda a Escandinávia (*Íslendingabók*, 10). Do total arrecadado, metade era administrada pelo financiador-fazendeiro para a manutenção do templo e do clérigo, o que incrementava ainda mais a renda do proprietário rural. A outra metade era dividida e destinada à diocese e aos pobres, respectivamente. O quarto referente aos pobres era administrado pelo líder da unidade comunal (*hreppr*) (Karlsson 2000: 39-40). Com o passar do tempo, o proprietário poderia, caso quisesse, doar toda a fazenda para a Igreja. Essa unidade privada independente economicamente chamava-se *staðr* (no latim era também conhecida como *locus religiosus* ou *sacer*) (Karlsson 2000: 39-40). Para isso, o fazendeiro era, na maior parte das vezes, mantido como administrador dos bens do templo. Caso não houvesse nenhum empecilho, o bispo escolhia um administrador. O mais comum era indicar uma das lideranças locais (Stefánsson 2003: 218).

O acúmulo de poder (sécs. XI-XIII): o fim da liberdade islandesa

Após a adoção do cristianismo na Islândia, o regime político insular se concentrou pouco a pouco nas mãos de algumas famílias. Como aconteceu com o restante da Europa continental, a Igreja certamente não se opôs ao aumento do poder e influência dos *goðar* (Stefánsson 2003: 218). Inicialmente o processo foi pacífico: o poder e o prestígio foram concentrados graças às heranças e casamentos, além das relações não-sanguíneas de amizade e aliança típicas das relações sociais de então. A instituição do dízimo apressou a concentração de riquezas nas mãos dos grandes proprietários, o que distanciou os *goðar* do restante da população (Lacy 2001: 142).

O acúmulo de poder nas mãos de poucos aconteceu graças à mudança gradativa da influência dos *goðar*. Inicialmente a autoridade era exercida por meios políticos, mas em meados do século XI ela se tornou territorial (*ríki*). A dominação era estabelecida sobre um distrito que os três *goðorð* (que correspondia a uma *várþing*)¹⁸ estavam condicionados a apenas um *goði*. Posteriormente, o mesmo líder poderia controlar outros *goðorð*. Nesse caso, ele se tornava um *stórgoði* (grande líder) (Karlsson 2000: 72-73).

Na metade do século XII, houve uma era de climas mais rigorosos. Erupções vulcânicas, epidemias em animais, exaustão do solo e, principalmente, sua erosão, pioraram a situação dos fazendeiros islandeses mais pobres e favoreceram a concentração de territórios por parte dos *goðar* (Lacy 2001: 140).

Até o início do século XII, os Haukdælir foram a mais poderosa família islandesa, e mantiveram o *status* de líderes da ilha até a completa submissão à Noruega (1264). Sob a alçada dessa família estava a Sé de Skálholt, além da proximidade com o *Allþingi*, fato que propiciava aos Haukdælir uma maior influência política e militar nas decisões da assembléia. Eyrar, um dos principais centros comerciais da época, estava sob sua esfera de poder (Stefánsson 2003: 218-219). Durante o decorrer do século XI e o início do XII, outras famílias adquiriram prestígio na Islândia: 1) os Oddaverjar, de Rangárþing até o leste de Árnesþing; 2) os Ásbirningar, em Hegranesþing e Skagafjörður (norte da ilha); 3) os Svínfellingar no sudoeste; 4) os Austfirðingar no leste. Com o passar do tempo, outras lideranças surgiram no Nordeste e oeste islandês (KARLSSON, 2000: 73-75).



Figura 3 – Foto aérea do sítio de Vatnsfjörður (noroeste islandês).

Este projeto é coordenado pelo *Fornleifastofnum Íslands* (Instituto de Arqueologia da Islândia) e pela *North Atlantic Biocultural Organization* (NABO, Organização Biocultural do Atlântico Norte) como um sítio de escavação para estudantes. Originalmente, a escola de campo centrou suas escavações em Hofstaðir, e depois expandiu-se para outros sítios da Era Viking, como Vatnsfjörður. O objetivo desta pesquisa é compreender a ascensão e o declínio das lideranças nessa região, além da evolução das fazendas e do contexto que as cercava.

Fonte:

<http://www.abdn.ac.uk/archaeology/research/northatlantic/>

Acesso em 10 junho de 2009.

Na segunda metade do século XII, os Oddaverjar tornaram-se mais

proeminentes, graças à ascensão de um membro da família à Sé de Hólar e a entrega da Sé de Skálholt a um membro dos Oddaverjar para proteção (1178-1193) (Stefánsson 2003: 219).

O início do século XIII marcou o crescimento de outra família: os Sturlungar. Seus principais membros eram filhos de um *goði* da região oeste da Islândia, homem muito ativo politicamente durante o século XII. Em 1215, Sighvatr Sturluson completou a formação de um *riki* em Eyjafjörður e Þingeyjarthing, no Noroeste. Seu irmão, Snorri Sturluson, estabeleceu um *riki* em Borgarfjörður entre os quartéis sul e leste (Karlsson 2000: 75-78).



Mapa 1 – Os domínios dos principais líderes. O mapa destaca a distribuição dos principais domínios familiares da Islândia por volta de 1230. As regiões sobre o controle dos Sturlungar encontram-se à Oeste e Leste, em contraposição às demais famílias. Outro aspecto que merece destaque é a falta de limites específicos para as áreas que estavam sob a esfera de influência de cada família, apesar da progressão do sistema territorial em detrimento das relações políticas entre os fazendeiros e os *goðar*. As linhas dividem de maneira aproximada a organização dos quartéis. **Fonte: Karlsson (2000: 25)**

O desenvolvimento do *riki* trouxe outras importantes conseqüências além da concentração de terras sob um mesmo comando. As mais notáveis foram a adoção de conselheiros (*trúnaðarmenn*) pelo *stórgoði* e um apoio militar constante de seus seguidores (*fylgðarmenn*). A utilização de força militar foi também um símbolo dos conflitos que marcaram o período pré-incorporação da ilha à coroa norueguesa (Stefánsson 2003: 219).

A base de poder dos *stórgoðar* modificou-se com a evolução dos *riki*. Os fazendeiros perderam a opção por escolherem seus *goðar*. Os proprietários rurais circunscritos a um *riki* estavam sujeitos ao mesmo *stórgoði* e aos seus homens. A liderança dos *goðar* inicial, baseada na família e nos laços de amizade, foi substituída gradativamente por uma autoridade político-territorial (Stefánsson 2003: 219). O *stórgoði* controlava as atividades judiciais do distrito e decidia todos os casos entre os seus homens do *þingi* e os fazendeiros que pertenciam ao seu campo de atuação. Logo, o poder do *þingi* local e regional declinou (Stefánsson 2003: 219). Assim, as famílias foram submetidas aos *stórgoðar*, e perderam seu antigo direito de escolha de seus representantes na Assembléia. A aptidão dos *stórgoðar* para gerenciar os recursos econômicos e poder humano de seus *riki* foi o que determinou o sucesso dos grandes líderes nesse contexto de conflitos pelo poder entre as famílias de prestígio na Islândia (Stefánsson 2003: 219).

Durante o fim do século XII, o bispo de Skálholt, Þorlákr Þórhallsson (1133-1193) tentou ampliar o controle da diocese sobre as igrejas locais, ao colocar a

administração das igrejas sob sua supervisão pessoal. Ele teve um considerável sucesso em Austfirðir, mas sofreu uma forte oposição dos fazendeiros de Oddi. Após sua morte, seus adversários políticos não sofreram objeções (Lacy 2001: 143).

A evolução de lideranças territoriais na forma de *riki* foi, no entanto, o motivo do enfraquecimento da autonomia da ilha. Nenhuma família era poderosa o suficiente para controlar os conflitos internos e comandar toda a Islândia. Os líderes menos influentes, por exemplo, procuraram a coroa norueguesa para conseguir aumentar o seu prestígio (Karlsson 2000: 79).

Alguns líderes tentaram ampliar sua força e pediram auxílio à coroa norueguesa, que se aproveitou da situação para incluir a igreja islandesa em sua esfera de controle. Além disso, os noruegueses tinham monopolizado o comércio com a Islândia no início do século XIII. Nessa perspectiva, fica mais claro como a sociedade islandesa e seu governo único ruíram progressivamente até sua completa anexação à Noruega em 1264 (Stefánsón 2003: 220).

Conclusão

O processo de cristianização da Islândia esteve em íntima ligação com a concentração de poder nas mãos dos *goðar*. Como o *Íslendingabók* aludiu, os primeiros conversos foram ricos fazendeiros, que representavam outros proprietários rurais. Não se sabe até que ponto esta informação é inteiramente confiável, pois a adoção do enterro cristão tornou-se costumeira durante os primeiros anos após o advento da nova fé. Isso nos sugere que, possivelmente, o credo já estivesse razoavelmente difundido entre os islandeses, fossem eles ricos ou pobres.

A expansão dos templos acompanhou a cupidez dos ricos proprietários, que conseguiram ampliar suas rendas graças aos dízimos e ofertas depositados nos altares de suas igrejas. Os casamentos e os laços de amizade – formas tradicionais para a manutenção do poder – não foram abandonados, pelo contrário, passaram a coexistir com a nova e eficaz forma de enriquecimento e incremento de prestígio. O cristianismo serviu de motivo para o enrijecimento das relações verticais entre os homens.

No entanto, o empobrecimento de alguns fazendeiros não foi causado somente pela adoção do cristianismo, mas por um expressivo processo de erosão do solo, consequência dos primeiros séculos de exploração da ilha. Além disso, a organização comunal dos primeiros anos perdeu espaço para a formação de propriedades cada vez mais ligadas a uma determinada família.

Portanto, a lenta marcha islandesa até sua incorporação norueguesa não deve ser justificada apenas pela influência religiosa, mas por uma gama de fatores que, em maior ou menor grau, inspiraram as tentativas de controle total da ilha por parte das famílias proeminentes. Quando elas se destacaram das demais, a organização social já não se arranjava por relações políticas, mas por territórios razoavelmente estabelecidos militarmente.

Apesar das tentativas episcopais para diminuir a ligação entre os proprietários rurais e a Igreja islandesa durante o século XII, a convergência prosseguiu com o mesmo vigor. Os laços socioculturais eram fortes demais para ser desvendados facilmente, o que nos sugere uma longa tradição de controle eclesiástico por parte dos fazendeiros.

Assim, a cristianização da Islândia não foi a principal causa da posterior perda de autonomia da ilha, mas somente uma delas. Ela adquiriu novas características, significados e usos com o passar do tempo, e talvez seja uma das expressões mais

notáveis das transformações islandesas durante a Idade Média.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias:

- ANÔNIMO. *Merigarto: Bruchstück eines bisher unbekanntes deutschen gedichtes aus dem xi. Jahrhundert.* Prag: H. I. Enders, 1834. **Disponível em:** http://books.google.com/books?id=CJNdAAAAIAAJ&source=gbs_navlinks_s
Acesso em 23 fevereiro 09.
- _____. Njáls Saga In: ÁSMUNDARSON, Valdimar et al. (org.). *Íslendinga sögur.* Reikjavík: Kostnaðamaður, 1894, pp. 910-1014.
- _____. Cristne Saga In: VIGFUSSON, Gudbrand; POWELL, F. York. *Origines Islandicae.* Oxford: Clarendon Press, 1905, pp. 376-406.
- _____. *Hungrvaca* In: VIGFUSSON, Gudbrand; POWELL, F. York. *Origines Islandicae.* Oxford: Clarendon Press, 1905, pp. 425-457.
- _____. Þorvalds Þátrr ens Víðförla In: KAHLE, B. (edit.). *Kristnisaga, Þorvalds þátrr ens víðförla, Þátrr Ísleifs Biskups Gizurarsonar, Hungrvaka.* Halle: Verlag von Max Niemeyer, 1905, pp. 59-86.
- ARMÉMUSEUM. *Vikingatid och medeltid.* **Disponível em:** http://www.sfhm.se/templates/pages/ArmeExhibitionPage_248.aspx **Acesso em** 05 junho 09.
- BREMENSIS, ADAMUS. *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum.* **Disponível em:** http://bsbdmgh.bsb.lrz-muenchen.de/dmgh_new/ **Acesso em** 22 fevereiro 09.
- BORGILSSON, Ari Hinn Fróðe. *Íslendingabók.* København: Jørgensen & Co.s Bogtrykkeri, 1930. **Disponível em:** <http://www.heimskringla.no> **Acesso em** 22 fevereiro 09.

Referências:

- ANDERSSON, Theodore Murdock. Introduction. In: ODDR SNORRASON. *The Saga of Olaf Tryggvason.* Cornell: Cornell University Press, 2003, pp. 1-30.
- ASTÁS, Reidar. St. Óláfr. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia.* Oxford: Routledge, 1993, pp. 445-446.
- BENEDIKTSSON, Jakob. Íslendingabók. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia.* Oxford: Routledge, 1993, pp. 332-333.
- BIRRO, Renan Marques; FIORIO, Jardel Modenesi. Os Cynocephalus e os Úlfheðnar: a representação do guerreiro canídeo na Historia Langobardorum (séc. VIII) e na Egils saga (c. 1230) In: RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique; COSTA, Ricardo da (coords.). *La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval, Mirabilia 8,* dezembro 2008, (www.revistamirabilia.com), pp. 47-67.
- BYOCK, Jesse L. Allþingi In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia.* Oxford: Routledge, 1993, pp. 10-11.
- CHRISTIANSEN, Eric. Families In: _____. *The Norsemen in the Viking Age.* Oxford: Blackwell Publishing, 2006, pp. 38-63.
- GIBBS, Marion E.; JOHNSON, Sidney M. *Medieval German Literature: A Companion.* Oxford: Routledge, 2000.
- GWATKIN, H. M., Whitney, J. P. (ed.) et al. *The Cambridge Medieval History: Volume III.* Cambridge: Cambridge University Press, 1926.
- GRÖNLIE, Siân. The sagas and conversion history: kristni saga and other texts. In: *Sagas & Societies – International Conference at Borgarnes, Iceland.* **Disponível em:** <http://www.brathair.com>

- em: <http://w210.ub.uni-tuebingen.de/portal/sagas/> Acesso em 8 de julho de 2009.
- DUKE, Siân. Kristni saga and its sources: some revaluations. In: *Saga-Book XXV: 4*. London: Viking Society for Northern Research, 2004, pp. 345-366.
- FREITAS, Edmar Checon de. Cristianização e violência: Martinho de Tours e a destruição de santuários pagãos na Gália no século IV. In: *Dimensões 12. Revista de História da UFES*. Vitória: UFES, 2001, pp. 140-149.
- GRÖNBECH, Vilhelm. Honour the soul of the clan In: _____. *The Culture of the Teutons*. London: Oxford University Press, 1931, pp. 105-126.
- HEINZER, Felix. *Unberechenbare Zinsen - Bewahrtes Kulturgut*. Katalog zur Ausstellung der vom Land Baden-Württemberg erworbenen Handschriften der Fürstlich-Fürstenbergischen Hofbibliothek. Stuttgart, 1993.
- JAKOBSSON, Ármann. Two Old Ladies at Þvátta and 'History from below' in the Fourteenth Century. In: *Papers of The 12th International Saga Conference, Scandinavia and Christian Europe*. Bonn, Germany, 2003. Disponível em: <http://www.skandinavistik.uni-bonn.de/saga-conference/> Acesso em 10 de julho de 2009.
- KARLSSON, Gunnar. *The History of Iceland*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
- LACY, Terry G. The Myth of Loki In: _____. *Ring of Seasons: Iceland – Its Culture and History*. Michigan: University of Michigan Press, 2001, pp. 136-148.
- LOUTH, Patrick. *A civilização dos germanos e dos vikings*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979.
- MÁGNUSDÓTTIR, Auður G. Women and sexual politics. In: BRINK, Stefan (Ed.). *The Viking World*. Oxford: Routledge, 2008, pp. 40-48.
- MCCREESH, Bernardine. Eyrbyggja saga. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, pp. 173-175.
- MILEK, Karen. *The Vatnsfjörður Project: Evolving Power in an Evolving Landscape (2005-2010)*. University of Aberdeen. Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/archaeology/research/northatlantic/> Acesso em 10 de junho de 2009.
- NYBERG, Tory. Adam of Bremen. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, pp. 1.
- NORTH ATLANTIC BIOCULTURAL ORGANIZATION. *The Vatnsfjörður Excavation Project*. Disponível em: <http://www.nabohome.org/fieldschools/vatnsfjordur.html> Acesso em 10 junho de 2009.
- STEFÁNSSON, Magnus. The Norse island communities of the Western Ocean. In: HELLE, Knut (org.). *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 202-220.
- TÓMASSON, Sverrir. Laxdæla saga. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, pp. 377-378.
- VÉSTEINSSON, Orri. *The Christianization of Iceland: Priests, Power, and Social Change 1000-1300*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- ÞORLÁKSSON, Helgi. Historical background: Iceland 870-1400. In: MCTURK, Rory (org.). *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature and Culture*. London: Blackwell Publishing, 2005, pp. 136-154.
- WHALEY, Diana Edwards. Heimskringla. In: PULSIANO, Phillip; WOLF, Kirsten. *Medieval Scandinavia: An Encyclopedia*. Oxford: Routledge, 1993, pp. 277-279.

NOTAS

¹ Ricardo da Costa é pós-doutor em *Filosofia Medieval* pela *Universitat Internacional de Catalunya* (UIC) e *Professor Associado I* da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente coordena dois grupos de pesquisa no CNPq: 1) *A Guerra no Mundo Antigo e Medieval: de Vegécio (séc. IV) ao conde de Barcelos (séc. XIV)* e 2) *A transcendência na Filosofia Medieval em três tempos: os atributos divinos no Dionísio Pseudo-Areopagita (séc. V), em Bernardo de Claraval (1090-1153) e em Ramon Llull (1232-1316) e suas raízes clássicas*. Site: www.ricardocosta.com; Renan Marques Birro é graduando em História pela UFES e orientando de *Iniciação Científica* do primeiro grupo de pesquisa supracitado.

² Todas as traduções desse trabalho são nossas.

³ O *Íslendingabók* (c. 1122-1232) é uma curta história da Islândia, de 870 a 1118, a primeira composição de uma história local redigida em língua vernacular. Ele trata do assentamento da Islândia, o desenvolvimento dos códigos de lei e “administrativos”, a descoberta e o assentamento da Groenlândia. Porém, a maior parte da obra é dedicada à conversão da Islândia ao Cristianismo, além da história dos primeiros tempos da Igreja islandesa. Ari se refere às suas fontes orais, a maioria composta de pessoas idosas, porém confiáveis (Holman 2003: 50).

⁴ Ari Þorgilsson, ou Ari *fróði* (Ari, o Sábio, 1069-1148), foi o primeiro cronista de destaque na história islandesa. Ele estudou na escola de Haukadalur como aluno de Teitur Ísleifsson (filho de Ísleifur Gissurarson, o primeiro bispo da Islândia). Os textos remanescentes de Ari nos sugerem que ele conhecia as crônicas latinas, embora também tenha sido influenciado pela tradição oral islandesa. Ele redigiu o *Íslendingabók*, narrativa em nórdico antigo sobre as várias famílias que se assentaram na Islândia (Benediktsson 1993: 332-333).

⁵ O *Allþingi* foi a assembléia legislativa e judicial “nacional” da Islândia Medieval. O “thing” (assembléia votiva de homens livres) foi uma instituição governamental largamente usada pelos povos germânicos. Durante o início da *Era Viking* (c. 800-1066) havia vários “things” pela Escandinávia, e os colonizadores nórdicos freqüentemente estabeleciam essas assembléias nas novas terras assentadas. No entanto, o *Allþingi* islandês era incomum, já que unia todas as regiões da ilha sob leis e uma justiça comum sem depender de um poder executivo superior, como monarcas ou governantes regionais. O *Allþingi* foi estabelecido em 930: porém, a maioria das sagas menciona a assembléia apenas após as reformas que ocorreram em 960 (Byock 1993: 10-11).

⁶ O *lögsögumaður* presidia a *þingi* (assembléia local) e a *Alþingi* (assembléia maior que reunia os representantes das assembléias locais). Este título foi introduzido na Islândia em 930 (Byock 1993: 10-11).

⁷ Óláfr Haraldsson (Santo Olavo, c. 995-1030) foi rei e mártir norueguês. Aos doze anos, ele saiu para sua primeira excursão viking, e alguns anos depois foi batizado durante um acampamento em Rouen. Não demorou muito para Óláfr retornar à sua terra, reclamar a Noruega e (1015) e derrotar todos os oponentes danos e suecos. Ele fundamentou suas leis a partir da legislação cristã com a Igreja como aliada e Carlos Magno como ideal (Astås 1993: 445-446).

⁸ Convidado pelo arcebispo de Bremen (em 1066 ou 1067) para compor o corpo de clérigos daquela arquidiocese, Adam de Bremen (ou *Adam bremensis*) foi escolhido em 1069 para o cargo de diretor da Escola da Catedral. Sua obra mais conhecida é a *Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum*, que registrou a história e geografia dos países escandinavos (Nyberg 1993: 1).

⁹ Gunnlaugr Leifsson († 1218-1219) foi um monge islandês beneditino que viveu no monastério de Þingeyrar, o mais importante centro literário da Islândia no final do século XII. Ele é um dos possíveis autores da *Óláfs saga Tryggvasonar* (c. 1230), mas alguns acreditam que o autor da obra foi Oddr Snorrason (séc. XII), “irmão” de Gunnlaugr naquele monastério do Noroeste islandês (Andersson 2003: 1-30).

¹⁰ A *Vatnsdæla saga* (séc. XIII) é a história de uma família do norte islandês. Ingmundr, o neto de um líder norueguês, lutou pelo rei Haraldr *inn hárfagri* (c. 850-933) na *Batalha de Hafrsjard* (c. 890), e foi recompensado pelo monarca. Instigado por um conhecido, Ingmundr se mudou para a Islândia, onde

viveu até atingir a velhice. A narrativa prossegue com a história de sua família até a chegada do cristianismo na ilha (Gröenbech 1931: 116-117).

¹¹ A *Laxdæla saga* (*A saga dos Laxdoellir*, c. 1241) é uma das grandes *Íslendingasögur*. O autor da narrativa utilizou algumas fontes sobre a cristianização da Islândia, como a *Íslendingabók*, e foi provavelmente influenciado pelos *romances*. A história se limita à região de Breiðarfjörður e abrange um período de 200 anos. Ketill Flatnefr, um líder norueguês que foi forçado a fugir durante o reinado de Haraldr inn hárfagri, fugiu para a Escócia, onde morreu. Após sua morte, seus filhos se tornaram uns dos primeiros colonizadores da Islândia. Não demorou muito até que eles se envolvessem em rixas com Unnr, um líder local. A *Laxdæla saga* enfatiza a divergência entre Unnr e os filhos de Ketill Flatnefr (Tómasson 1993: 377-378).

¹² A *Óláfs saga Tryggvasonar* (c. 1230) de Snorri Sturluson (1178-1241) é uma das dezesseis sagas que compõe a *Heimskringla*. O grande escritor islandês provavelmente se baseou na *Saga de Óláfr Tryggvason* de Oddr Snorrasson (séc. XII), agora perdida. A narrativa descreve a vida e os feitos de Óláfr Tryggvason (c. 960-1000), que foi rei da Noruega entre 995-1000 (Whaley 1993: 277-279).

¹³ *Eyrbyggja saga* (*A saga dos homens de Eyrr*, séc. XIII) é uma das grandes *sagas dos islandeses* (*Íslendingasögur*) redigidas durante a fase de ouro da literatura insular. Ela nos informa sobre as rixas entre os homens de Þórnes, Eyrr e Álptafjörður nos séculos IX, X e XI (McCreesh 1993: 173-175).

¹⁴ O provável autor da *Kristni saga* foi Sturla Þórðarson (1214-1284), influente líder islandês durante o século XIII. Ele foi sobrinho e discípulo do famoso escritor Snorri Sturluson. Sturla Þórðarson é mais conhecido pela redação da *Íslendinga saga* (séc. XIII), a *Sturlunga saga* (séc. XIII), e a *Hákonar saga Hákonarsonar* (c. 1260). Alguns eruditos também lhe atribuem a redação do *Sturlubók*, uma transcrição do *Landnámabók* (séc. XII) (Grønlie 2002: 1-6; Duke 2004: 345-348).

¹⁵ A *Hungrvaca* (lit. *Entrada*, também conhecida como *Vida dos Bispos*, c. 1200-1206) é uma história sobre os cinco primeiros bispos de Skálholt. Trata-se de uma narrativa de elite, com foco nos feitos da família Haukdælir e seus aliados, os Oddaverjar. Talvez este seja o motivo para que o autor da *Hungrvaca* atribua a conversão da Islândia ao ancestral da primeira família, Gizurr inn hvíti [o branco], “[...] aquele que levou o cristianismo até a Islândia” (*Hungrvaca* 1; Jakobsson 2002: 2).

¹⁶ Henrique III, o Negro (1017-1056) foi um imperador do Sacro Império Romano-Germânico de origem dinástica sália, responsável por diversas expansões em direção a Boêmia e Hungria, além da divisão da Lorena (Gwatkin 1926: 285).

¹⁷ De acordo com a *Íslendingabók*, “Ísleifr var vígðr til byskups, þá er hann var fimmtögr. Þá var Leó septimus páfi.” (“Ísleifr foi consagrado bispo quando ele tinha cinquenta anos. Leão VII era então o papa.”) (Þorgilsson 1930: IX). Trata-se de um equívoco do cronista, pois naquela época houve dois pontífices: Leão IX (1049-1054) e Vitor II (1055-1057).

¹⁸ A *várþing* era uma assembléia local que ocorria nas primaveras, e servia como uma tentativa prévia para a resolução dos conflitos entre os homens livres. Após as reformas do *Allþingi* em meados de 960, foi estabelecido um *þing* para cada ponto cardeal, que servia como “primeira instância” para as querelas não reguladas pela *várþing* (Byock 1993: 10-11).